

**A GESTÃO PÚBLICA E A CORRIDA DE RUA: UM ESTUDO SOBRE SUA RELAÇÃO NA  
CIDADE DE GUARAPUAVA/PR**

**MARCELO FERNANDO VIANTE**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE (UNICENTRO)

**JULIANE SACHSER ANGNES**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE (UNICENTRO)

**LUCIANO FERREIRA DE LIMA**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE (UNICENTRO)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecimento a CAPES pelo suporte a pesquisa e ao Programa de Mestrado.

# A GESTÃO PÚBLICA E A CORRIDA DE RUA: UM ESTUDO SOBRE SUA RELAÇÃO NA CIDADE DE GUARAPUAVA/PR

## 1. INTRODUÇÃO

A corrida de rua ou pedestrianismo é um fenômeno social que une pessoas em torno de um objetivo em comum, seja a saúde, prazer ou a competição. Como o futebol, a corrida é um esporte nacionalmente popular (ATIVO, 2018), de fácil prática e democrático, bastando apenas um par de tênis e disposição para sua realização.

Neste sentido, Campos et al. (2015) apontam que as corridas de rua são muito representativas para a saúde pública, pois propiciam aos seus praticantes hábitos mais saudáveis. Por sua vez, Salgado e Chacon-Mikahil (2006) afirmam que o crescimento da prática esportiva está ligado ao incentivo da gestão pública, que pode criar meios facilitadores para a realização dos eventos e também a valorização dos seus praticantes. Todavia, tal esporte por toda sua simplicidade acaba sendo negligenciado por órgãos públicos, que poderiam encontrar no mesmo um incentivo a sua prática, uma forma de melhorar a saúde pública e a busca por uma vida de hábitos mais saudáveis.

Em complemento, Dias (2017) afirma que uma grande parcela dos trabalhadores está envolvida com trabalhos administrativos e fisicamente inativos, assim os benefícios ofertados pela prática esportiva influenciam na vida profissional e pessoal de seus participantes, e, para Campos et al. (2015) a evolução do esporte em si beneficiou a formação de laços sociais entre as pessoas em torno da prática esportiva.

Desta forma, parte-se do pressuposto que a corrida de rua no âmbito da gestão pública mostra-se como um campo que deve ser olhado com mais atenção. A rede formada ao redor do esporte é composta por clubes de corridas, associações, órgãos públicos e empresas privadas que buscam incentivar eventos esportivos. Nota-se assim a importância do esporte para a saúde e formação social do indivíduo. Sendo assim, o tema deste estudo vincula-se diretamente a gestão pública, saúde pública e ao negligenciamento que esse esporte sofre na região de Guarapuava no Paraná, visto a popularidade nacional que o mesmo possui.

Para tanto, esta pesquisa busca demonstrar a importância da corrida de rua para gestão pública e a sua importância quanto um esporte significativo na região. A prática da corrida de rua em toda a sua simplicidade pode ser um marco para a mudança na saúde e na melhoria da autoestima de seus praticantes, além da formação de uma comunidade em torno do esporte. Essa união pode ser promovida com a realização de provas que atraiam toda a comunidade esportiva regional com eventos de qualidade e com uma finalidade social. Tais eventos devem ser geridos com qualidade e eficiência, buscando parcerias, apoiadores, reduzindo os custos da realização dos eventos e dando oportunidade para novos praticantes e adeptos se sintam encorajados para a realização de atividades físicas.

Tal tema de pesquisa se liga com a propósito da teoria crítica onde nota-se o descontentamento com a situação atual, buscando conhecer o fenômeno do estudo e os contextos que influenciam o cenário. Assim, criticar não se pauta necessariamente em conhecer o fenômeno por si só, mas partir da perspectiva de como ele poderia ser (VIEIRA e CALDAS, 2006). Em seu contexto a teoria crítica ainda fomenta o pensamento racional e democrático buscando o desenvolvimento de cidadãos responsáveis, autônomos e reflexivos, buscando melhores entendimentos sobre suas necessidades (DAVEL e ALCADIPANI, 2003).

A formação de um pensamento radical encontra nas contradições sociais seus questionamentos a cerca da realidade que passa a ser observada com um olhar

investigativo (FARIA, 2009). Assim este estudo busca conhecer o fenômeno da prática esportiva na região, sua ligação com a gestão pública e a representatividade dessa ligação para a comunidade de corredores.

É notável destacar a importância da corrida de rua na região, algumas provas são realizadas a mais de quarenta anos e muitos praticantes que encontram no esporte um meio de saúde e lazer. Porém, a prática da corrida de rua enfrenta problemas sérios como a falta de um local próprio para a prática, infraestrutura dos parques da cidade, políticas de incentivo ao esporte, erros recorrentes na organização de provas, mínimo investimento público e questões voltadas ao relacionamento dos atores envolvidos no esporte. Apresentado o contexto da situação, a pergunta que norteia o problema de pesquisa é: qual a relação da gestão pública municipal com a prática da corrida de rua?

A partir disso, o objetivo principal da pesquisa se propõe em investigar a relação da gestão pública com a prática esportiva da corrida de rua na região, investigando clubes de corrida, atletas e funcionários da secretaria de esportes.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Corrida de Rua**

O ato de correr sempre esteve presente na história da humanidade, seja por necessidades de deslocação, sobrevivência ou como meio de comunicação (OLIVEIRA, 2010). A prática da corrida ocorre desde a antiguidade na Grécia antiga até os tempos atuais, marcados pela formação dos grandes centros urbanos. A evolução da corrida como um esporte e posteriormente sua popularização ocorreu principalmente pela realização da primeira prova de maratona, uma corrida de 40 km, nos Jogos Olímpicos de Atenas realizada em 10 de abril de 1886 (DALLARI, 2009). Outro ponto importante para a difusão do esporte ocorreu nos anos 70 através de Kenneth Cooper, médico norte americano, que por meio de sua metodologia de treinamento aproximou o hábito da prática regular da corrida ou caminhada da população (DIAS, 2017).

A Confederação Brasileira de Atletismo (CBAT) classifica a corrida de corrida como a modalidade do atletismo mais tradicional, importante e popular (CBAT, 2003). Tal destaque em âmbito nacional pode ser percebido por Rojo (2014) onde descreve que no século XX foram realizadas as primeiras corridas de rua no Brasil, dentre elas a Corrida de São Silvestre, realizada pela primeira vez na cidade São Paulo em 1925.

A importância do esporte na sociedade moderna é apontada por Dallari (2009) onde sua função principal passou a ser prover excitação através de sua prática e também permitir que as populações sedentárias das cidades tivessem acesso a atividades físicas. De acordo com Dias (2017) o fenômeno da corrida de rua vem de um processo de décadas de amadurecimento, que se desenvolveu em um período de quatro ou cinco décadas, envolvendo profissionais de diversas áreas como medicina, educadores físicos, treinadores, gestores públicos e os próprios corredores. Para Dallari (2009) o aumento no número de provas foi acompanhado pelo aumento no número de atletas participantes, fato que pode ser elucidado por Dias (2017) ao demonstrar a imprecisão do número de praticantes da corrida de rua. Ainda para Rojo (2014) a popularização da corrida de rua só foi possível pela liberação da participação dos “atletas amadores” em eventos que antes buscavam concentrar atletas profissionais.

Os elementos que compõem a corrida de rua são elucidados por Campos et al. (2015) ao afirmar que fazem com que ela seja uma prática esportiva acessível para população além de trazer melhores condições de vida aos seus praticantes, tal fato é reforçado por Dallari (2009) onde afirma que poucas pessoas possuem algum

impedimento para a prática da corrida. A mesma autora ainda destaca a democratização da corrida de rua onde pessoas de todas as condições físicas, idade e nível econômico participam lado a lado durante a sua realização. Ainda Oliveira (2010) destaca os três principais fenômenos que tem influenciado a corrida de rua a nível nacional, sendo eles: a transição do perfil do atleta amador participante, o surgimento de eventos e também a criação de grupos de corridas orientados por ex-atletas profissionais ou profissionais da área.

Em sua tese Dallari (2009) afirma que a Organização Mundial de Saúde (OMS) classifica o sedentarismo como uma das principais causas de doenças na sociedade moderna, Oliveira (2010) afirma que a modernidade e as tecnologias fizeram com que o ato de correr e caminhar se tornassem recursos de deslocamento raramente utilizados, tal relação com a prática esportiva é apontada por Salgado e Chacon-Mikahil (2006) que esclarece que a busca pela prática da corrida ocorre por diversos motivos, dentre eles: a promoção da saúde, estética, integração social, fuga do estresse, busca por atividades prazerosas ou competição. Ainda para Dias (2017) a corrida de rua atua como o principal remédio contra as doenças degenerativas como hipertensão, diabetes ou cardiopatas, causadas por hábitos sedentários da vida moderna além da ingestão de alimentos industrializados.

A atividade da corrida de rua também pode se mostrar como oportunidade de negócios, assim Salgado e Chacon-Mikahil (2006) destaca o crescimento de pessoas que estão buscando atividades ao ar livre, principalmente caminhadas e corridas de rua, tal aumento pela procura despertou a atenção de empresas e companhias, visto que para Oliveira (2010) o público de corredores se tornou alvo de empresas e marcas de vários setores. O expoente da corrida de rua enquanto fenômeno esportivo demonstra o interesse do mercado em diversos setores comerciais (ROJO, 2014).

Tal público se mostra como um consumidor de produtos e serviços relacionados a corrida e a participação de eventos. Segundo Dallari (2009) os eventos de corrida realizados por organizações privadas fazem uso de locais públicos para sua realização, ou seja, dependem de autorização de setores públicos. Ainda segundo Rojo (2014) a corrida de rua vista como um produto acaba excluindo uma parte importante dos atletas participantes, tal fato deve ser observado por políticas públicas e de lazer para a democratização do esporte. Porém não só de valores materiais o esporte está envolvido, para Oliveira (2010) o valor sentimental da prática da corrida visto que o indivíduo ao se apresentar como “atleta” ou “corredor” expõe um valor simbólico de superioridade física e disciplina que lhe conferem algum respeito pela comunidade cabe destacar que tal valor é imensurável para seus praticantes e sua comunidade.

A valorização do esporte é destacada por Oliveira (2010) onde o modelo atual das corridas de rua está envolvendo valores como coletividade e relacionamento social, ao invés de individualidade e competição. Em seus estudos Rojo (2014) aponta que a transformação no perfil dos participantes das corridas de rua, tendo em vista que os primeiros praticantes eram todos da classe trabalhadores, perfil que sofreu com alterações recentes como o aumento do número de inscrições e também o surgimento de grupos de corridas, fatores que excluem os atletas de poder aquisitivo menor. Ainda segundo Dallari (2009) as características presentes nos praticantes de corrida de rua são: disciplina, paciência, tolerância ao esforço, perseverança e o envolvimento com a comunidade.

Ainda sobre a questão social relacionada ao esporte Dallari (2009) afirma que a corrida de rua permite a formação de grupos sem a necessidade de uma organização oficial e também sem regulamentos ou obrigações formais. A formação de grupos ou clubes de corrida ainda é evidenciada por Campos et al. (2015) ao destacar que aqueles que desejam se inserir no esporte acabam buscando informações com os praticantes ou ainda profissionais das áreas.

## 2.2 Teoria Crítica

A Escola de Frankfurt foi o principal núcleo do desenvolvimento da teoria crítica (DRAGO, 1992). De acordo com Faria (2009) a teoria crítica frankfurtiana possui um alcance social e é defendida por alguns como o marxismo ocidental, o autor ainda elucida os “desvios políticos” que o marxismo sofreu no qual resultaram em práticas autoritárias e violentas pelo mundo. Dentro dos paradigmas dos estudos organizacionais, Drago (1992) propõe que a teoria crítica pertence ao paradigma humanista radical onde se coloca como um pensamento de oposição a dominação do homem por uma estrutura ideológica, o qual deve buscar sua emancipação frente a alienação. Complementando, para Faria (2014) a teoria crítica pretende denunciar a repressão e o controle social, onde a constituição de uma sociedade sem exploração era a única alternativa para o estabelecimento de fundamentos como a justiça, liberdade e democracia.

Através dos estudos das obras de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, ambos da Escola de Frankfurt, Vizeu et al. (2012) colocam que as principais categorias que fundamentam a teoria crítica, sendo elas: a compreensão da realidade e as contradições impostas pelo capitalismo na condição de vida dos indivíduos, questionamento perante as racionalidades dominantes, compreensão do seu contexto social-histórico, concepção de ideologias presentes e a emancipação individual e coletiva do sujeito.

O pensamento crítico é vital dentro da sociedade, Souza et al. (2004) apontam que a alienação do homem como o principal motivo para o seu não desenvolvimento por completo. Em seus estudos Faria et al. (2013) apontam que segundo o teórico Adorno, a força do pensamento é tamanha que é capaz de emancipar ou alienar o homem, assim complementando Vizeu et al. (2012) demonstram que segundo os princípios racionalistas, aqueles que pensam já superaram a condição imposta do simples fazer. Daí tamanha a importância de um pensamento de inconformidade e um pensamento crítico sobre como a realidade é apresentada e como ela deveria ser apresentada, sendo que Rehbein (2018) propõe que a teoria crítica deve se tornar um esforço que alcance a todos no longo prazo.

A crítica é importante para as organizações e para a sociedade, porém et al. (2004) afirmam que a mesma deve impor a ação e como essa ação deve ser planejada e estruturada. Ou seja, a crítica deve caminhar junto com a prática administrativa ao ponto que para Adler et al. (2006) afirmam que uma das aspirações dos estudos críticos em administração é que o mesmo se desprenda do lado teórico e ganhe força com a prática.

A sociedade como um todo é beneficiada pela teoria crítica em administração, Adler et al. (2006) apontam que a motivação dos estudos críticos em administração está na perpetuidade de sistemas econômicos que reproduzem injustiças sociais e destruição ambiental, modelos de negócios tão presentes no mundo capitalista moderno. Trazendo um contraponto entre as teorias organizacionais, Faria et al. (2013) afirmam como as teorias tradicionais e principalmente a teoria da administração expõe como a realidade deve ser e não como compreendê-la. Tal visão funcionalista perpetua-se nos negócios e nos campos de pesquisa das ciências sociais, teorias opostas lutam por espaço dentro de um mundo dominado por um pensamento funcionalista. Uma diferença entre a teoria tradicional e a teoria crítica é o ocultamento que as teorias tradicionais propõem sobre a realidade que permeia o mundo do trabalho e a separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual (VIZEU et al., 2012).

No campo da administração, Faria (2009) propõe que o problema central da teoria crítica é esclarecer a realidade dos bastidores organizacionais e como seu lado

obscuro está presente dentro das organizações nas suas configurações de poder em relação coletividade presente no trabalho. Complementando tal afirmação, Davel e Alcadipani (2003) elucidam que a abordagem crítica expõe as faces ocultas, estruturas de dominação e as desigualdades dentro das organizações, fomentadas frequentemente pela racionalidade das teorias tradicionais. Assim a teoria crítica além de mostrar uma faceta oculta das organizações também pode ser usada na gestão ao ponto que Souza et al. (2004) onde proporciona o desenvolvimento de um pensamento oposto a questões de dominação, além de fornecer novos parâmetros que podem influenciar a tomada de decisão dos gestores.

A compreensão da teoria crítica na sociedade é abordada por Rehbein (2018) onde aponta que a relação entre a sociedade e a ciência é discutida amplamente pela teoria crítica, onde sua importância e fundamentação são latentes no campo da política visto que Vieira e Caldas (2006) destacam que os conflitos políticos e ideológicos são fundamentais dentro da teoria, que assume um lado, deixando completamente a neutralidade.

O pesquisador ao fazer uso da crítica assume uma postura e um comportamento perante o fenômeno estudado, ou seja, um comportamento crítico onde não se conforma com tudo que é colocado como real e verdadeiro (VIEIRA e CALDAS, 2006). A inconformidade com a realidade apresentada se mostra como uma marca da teoria crítica, que ganha mais importância com o desenvolvimento de pesquisas que fujam do padrão. A importância da teoria crítica na pesquisa é apontada por Souza et al. (2004) onde colocam que frequentemente os pesquisadores teóricos críticos usam seus estudos em defesa de grupos oprimidos pela sociedade como mulheres, negros e pobres. Assim, Vizeu et al. (2012) afirmam que a teoria crítica parte de um pensamento radical e também de um sentido filosófico onde o pesquisador busca a compreensão profunda do fenômeno em estudo. No campo de pesquisa nacional, Vizeu et al. (2012) destacam que a teoria crítica busca espaço em um campo dominado pelo funcionalismo, e mesmo assim encontra espaço para o desenvolvimento de trabalhos promissores.

Ainda Souza et al. (2004) colocam a importância dos estudos críticos na compreensão da distorção dos interesses da sociedade e como a produtividade e o lucro acabam corrompendo outros valores como a autonomia, prazer e a criatividade humana.

### **3. METODOLOGIA**

Para atender ao seu objetivo principal a pesquisa enquadra-se como um estudo qualitativo, onde Martins (2004) afirma que os métodos qualitativos investigam unidades sociais buscando compreender sua totalidade, amplitude e profundidade. Complementando, Freitas e Jabbour (2011) destacam a profundidade e abrangência que os estudos qualitativos são capazes de atingir, visto que através de diversas técnicas e fontes permite ao pesquisador detalhes informais e relevantes sobre o fenômeno em estudo que dificilmente seriam alcançados por um estudo quantitativo. Tendo em vista, o fenômeno da corrida de rua em estudo o presente trabalho qualifica-se como estudo de caso, onde para Godoy (2010) está centrado em uma situação ou um evento particular cuja importância é demonstrada pela investigação proposta pela pesquisa.

A coleta de informações foi realizada através de entrevista semiestruturada, observação direta e participante. A observação direta do fenômeno em estudo foi utilizada como uma fonte de dados e informações para a pesquisa, visto que a observação é fundamental na elaboração de um estudo qualitativo (GODOY, 2010). As informações coletadas pela observação direta e participante foram transcritas em um diário de campo desde o início do trabalho em 15 de maio de 2019 até o término da

coleta dos dados em 29 de setembro de 2019. Nesse recorte de tempo foram analisadas dez provas, sendo três delas fora da programação anual.

Foram realizadas cinco entrevistas com seis sujeitos diferentes e participantes do fenômeno em estudo, buscando ouvir diferentes pontos de vistas considerando a prefeitura, associação de corredores, clubes de corrida e profissionais de educação física. Cabe destacar que os membros selecionados para entrevista possuem uma relação direta com a prática da corrida de rua na região, para tanto, no presente estudo considera-se como corredor de rua sujeitos que praticam o esporte e participam dos eventos esportivos na região. Atletas profissionais e também sujeitos que praticam o esporte por lazer sem participação em eventos não serão considerados. Para Godoy (2010) as entrevistas semiestruturadas buscam compreender os significados que os participantes depositam sobre questões relativas sobre o tema da pesquisa, assim as perguntas foram orientadas através da relação dos participantes com a prática da corrida de rua e qual a visão que os mesmos conferem ao desenvolvimento do esporte na região. Junto aos entrevistados foi apresentado um Termo de Livre Consentimento (TLC) sobre o objetivo do estudo.

Como instrumento para análise dos dados foi utilizada a análise crítica do discurso, onde Fairclough (2012) afirma que o discurso é visto como algo que não é rígido e muito menos fechado, sendo um sistema aberto onde se desenvolvem as interações reais entre os sujeitos. Para Melo (2009) o foco da análise crítica do discurso afirma que o discurso é constituído por práticas sociais, onde é possível observar processos de abusos e manutenção de poder. Em seus estudos, Fairclough (2012) coloca a análise crítica do discurso como uma forma de ciência social, onde busca demonstrar problemas enfrentados pelas pessoas por razões sociais, sendo que a mesma fornece recursos para que se encontre uma solução dessas adversidades.

Para Guimarães (2012) a multidisciplinariedade, a preocupação social, posicionamento político com um grupo social desfavorável e também a elaboração de pesquisas como forma de denúncia de abuso de poder são os principais pontos da análise crítica do discurso. Ainda para Melo (2009) é um objetivo do pesquisador analista crítico do discurso que faça a difusão da importância da linguagem enquanto instrumento de manipulação e manutenção do poder, onde através da mudança das relações sociais é possível o início de um processo de emancipação do indivíduo através de sua conscientização.

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em atendimento ao presente objetivo proposto, buscou-se conhecer a relação dos entrevistados com a prática da corrida de rua na cidade. Assim sendo, foram entrevistados dois membros da Associação dos Corredores de Rua de Guarapuava (ACRG), o Secretário de Esportes e Recreação do município, um personal trainer especialista em corrida de rua, o Diretor Financeiro de um clube de corrida de rua da cidade e um membro de outro clube de corrida da cidade. Para manter o sigilo dos entrevistados os mesmos receberam denominações fictícias, conforme Quadro 1.

**Quadro 1 – Perfil dos Entrevistados**

Nome Fictício	Tempo de envolvimento com a corrida de rua em Guarapuava	Área de Atuação
E1	4 anos	Educação Física
E2	4 anos	Educação Física
E3	4 anos	Direito
E4	9 anos	Farmácia
E5	2 anos	Educação Física

E6	7 anos	Educação Física
----	--------	-----------------

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Observa-se que para a prática da corrida de rua é essencial que a cidade ofereça condições mínimas para sua realização. Em seu discurso E6 destacou as reformas realizadas pela prefeitura em quatro parques da cidade que possibilitaram uma melhor prática do esporte, tal ponto ainda é reforçado em sua fala ao afirmar que “O investimento que a gente fez nos espaços para a prática do esporte, acho que isso *facilitou* muito a vida de pessoas que talvez antigamente não tinham um *espaço adequado* para a prática, hoje tem” (destacamos). O uso do termo “facilitou” refere-se aos investimentos como uma forma de geração de oportunidade para a prática vide as reformas transformando os parques em “espaços adequados”. Tais investimentos foram realizados pelo poder público visando um melhor deslocamento de pedestres e também como uma forma de atração turística, sendo a melhoria do local para a prática da corrida de rua uma consequência de tais reformas.

Assim, um espaço muito utilizado pelos atletas amadores, profissionais e pela sociedade em geral é a pista de atletismo municipal localizada ao lado da Secretaria de Esportes e Recreação do município. A pista é constituída de terra batida, a mesma recebe manutenções esporádicas, vide pintura de raias ou corte da grama que cresce no seu interior e também conta com um sistema de iluminação precário (Diário de Campo, 24 de setembro de 2019).

Em relação a pista de atletismo E5 afirmou claro descontentamento ao destacar que “Primeiro por que ela não é *emborrachada*, aquele *poção* lá, choveu não tem condição. Dai os cara vão fazer manutenção na pista deixa aquelas ondulação, dai viu ali infelizmente aquela pista não tem” (destacamos), a fala do entrevistado denota a sua insatisfação com o piso alegando que uma pista emborracha atenderia as normas internacionais de atletismo tal descontentamento fica mais evidente ao se referir a pista como “poção” clara alusão ao pó deixado pela terra seca no momento de seu uso.

A mesma visão é dada por E3 “O que a prefeitura poderia fazer por nós né: tanto melhorar a pista de atletismo, a parte de *piso, de iluminação, a questão do acesso*” (destacamos), nota-se a mesma crítica do entrevistado em relação à qualidade do piso e sua iluminação, ainda se refere a “questão do acesso” o entrevistado destaca o uso compartilhado da pista de atletismo com pessoas que realizam caminhadas ou passeios com seus animais de estimação, mesmo o local apresentando uma placa sobre a proibição de animais no local. Esse ponto também é elucidado por E4 onde: “Atrapalha e atrapalha em muito. *Ele tem uma plaquinha ali que não é para usar* [...] outra questão é *as bolas* ali” (destacamos), ao se referir as “as bolas” o entrevistado destaca o uso do campo, conjunto a pista, que é utilizado como espaço da prática de esportes como *rugby*, futebol e futebol americano. Mesmo sendo um esporte democrático, os atletas amadores ainda são obrigados a dividir espaço com outros esportes e animais de maneira desordenada, tal ponto poderia ser remediado com ações de educação da secretaria de esportes.

Quando questionados sobre se as condições da pista de atletismo acabam por afastar alguns praticantes, E5 aponta que “se a pista fosse boa, não ia ter corrida de rua, *por que queira ou não a corrida de rua é perigoso*. Eu penso assim: tem que *cuidar do carro*, com semáforo, e *a galera não respeita né?*”(destacamos), o entrevistado elucida o adjetivo “perigoso” a prática da corrida, principalmente se referindo ao “cuidar do carro” e “a galera não respeita” mencionando o risco que os atletas ficam expostos ao dividir a via pública com automóveis e outros veículos.

Segundo o E3 “nesse caso só poderia usar hoje a rua, *expor a minha saúde em risco* o dia que eu quisesse fazer uma rodagemzinha” (destacamos), ao colocar como “expor minha saúde em risco” nota-se a preocupação do entrevistado com a prática em



vias públicas e com o risco de sofrer um acidente. Tal visão ainda é compartilhada por E2 ao afirmar que “os veículos que estão na via muitas vezes *eles não respeitam o atleta*” (destacamos), tanto na fala de E5 quanto E2 a questão do respeito ao atleta amador foi destacada remetendo a questões de risco do uso compartilhado das vias públicas.

Ainda em relação a estrutura da cidade, foi destacada a inauguração de um Centro de Iniciação ao Esporte (CIE), construído através de recursos federais. Ao lado do CIE foi construída uma pista de atletismo de 110m nos padrões ISO da Federação Internacional Atletismo com um espaço no seu entorno para a prática de caminhada e também de corrida (Diário de Campo, 29 de Setembro de 2019). Em relação a pista de atletismo citada, E3 destaca seu descontentamento ao afirmar que “Eu até *gabei os cara!* nossa que beleza fizeram uma pista emborracha! Dai os cara ali: *é só 100m*, dai nossa...”(destacamos), ao se referir a “gabei os cara” o entrevistado se refere a um elogio a gestão pública, porém sua frustração está diretamente ligada ao comprimento da pista, que torna inviável a prática de algumas distâncias populares entre os atletas de rua amadores, demonstrando um claro reconhecimento do público corredor da cidade.

O espaço do CIE ainda é usado em um projeto encabeçado pela secretaria de esportes denominado Escola de Campeões, conforme discurso:

*Escola de Campeões que é o nosso maior projeto de iniciação esportiva de todos os tempos em Guarapuava [...] ele é um projeto de iniciação esportiva com 15 modalidades diferentes inclusive a corrida só que não para adultos, para crianças. Então isso tudo aqui é para crianças, a gente tá investindo na criança de repente pensando no que a gente pode mudar, não só a questão da vida da própria criança em relação a sua saúde e qualidade de vida, mas também a sua questão social (E6) (destacamos).*

Ao apontar como “maior projeto de iniciação esportiva de todos os tempos em Guarapuava” nota-se a importância e amplitude do projeto para a formação de jovens atletas, porém na mesma fala o entrevistado destaca que é um projeto para as crianças e não para os adultos, visto que para os adultos foi divulgado apenas o Calendário Solidário de Corrida de Rua (Diário de Campo, 16 de maio de 2019) e nenhuma outra política de incentivo ou fomento a corrida.

O Calendário Solidário de Corrida de Rua foi elaborado pela prefeitura e pela Associação dos Corredores de Rua de Guarapuava (ACRG), constituindo a data das provas de corrida que serão realizadas durante todo o ano de 2019, em sua divulgação o calendário conta com 14 provas em 9 meses. Sobre o calendário, E1 destaca que:

*Com relação ao investimento da prefeitura para o calendário, a prefeitura repassa uma verba para nós, que hoje é de 20 mil é público, esse dinheiro é revertido para o calendário. Então as corridas algumas, por exemplo, assim o custo do chip do equipamento de cronometragem é alto é em torno de 4 mil. É pouco. Então a prefeitura repassa uma parte e algumas corridas que falta, por exemplo o pessoal pede é 600 chips é caro! Então eles pagam a diferença, então a prefeitura ela entra com uma parte. Esse ano ela entrou com 20 mil. Não é suficiente. Precisa hoje para nos tocarmos o calendário as 15 corridas que surgem e vai surgindo no meio do ano mais que vinte (E1) (destacamos).*

Ao se referir a “nós tocarmos” remete a organização dos eventos, desde sua divulgação, estrutura e realização das provas. Nota-se que a prefeitura repassa a ACRG recursos para administração do calendário e também repassa parte de sua responsabilidade na execução dos eventos. Assim nesse ponto E6 enaltece em seu discurso que:

*A gente passa um valor significativo por ano para Associação dos Corredores de Rua para organizar corrida e tá ocorrendo mais do mesmo, sabe? Então eu*

acho que essa é uma crítica construtiva que faço aqui para você, mas que é pública não tem problema nenhum falo até para eles isso (E6). (destacamos)

Denota-se na fala de E6 a relação dos recursos financeiros e o contra ponto onde E1 alega não ser um valor suficiente, enquanto que E6 vê como um valor significativo, vide ainda que E6 destaca o uso de “Parcerias ou criatividade. *Que recursos mesmo a gente tem muito pouco*” (destacamos), demonstra-se assim que mesmo os recursos sendo escassos eles acabam sendo destinados e aplicados de maneira trivial através do repasse da responsabilidade dos eventos para ACRG.

Além dos recursos citados nota-se a presença de outros investimentos, principalmente voltados para a tecnologia no esporte, onde hoje Guarapuava conta com um sistema informatizado que permite o registro do tempo de conclusão dos atletas e uma maior precisão na apuração dos resultados dos eventos (Diário de Campo, 16 de junho de 2019). Assim, Oliveira (2010) destaca o peso do significado do tempo de conclusão e superação dos desafios propostos aos atletas amadores, porém com relação a tal equipamento E5 aponta que “essa é a questão o chip é que por sinal *não funciona direito né*” (destacamos), destacando ao afirmar que “não funciona direito” com os erros recorrentes em provas em que o sistema é utilizado.

Mesmo a corrida sendo um esporte democrático grande parte de sua atenção é relacionada os eventos realizados para confraternização de atletas e coroação de horas de treinamento. Assim no presente trabalho foram analisadas um total de 10 provas, sendo 7 delas presentes no Calendário Solidário e 3 delas organizadas fora do calendário. Uma das corridas, Corrida 7, foi desconsiderada da análise visto que trata-se de uma corrida de orientação que atinge um público específico, fora do objetivo do presente trabalho. O Quadro 2 abaixo apresenta as características das provas:

**Quadro 2 – Descrição das Provas do Calendário Solidário de 2019 presentes no estudo.**

Prova	Organização	Edição	Composição do Kit	Finalidade
Corrida 1*	ACG	Quarta	Medalha, camiseta e <i>squeeze</i> .	Festa comemorativa de uma igreja católica.
Corrida 2	ACG	Primeira	Medalha e camiseta.	Arrecadação de fundos para uma ordem Franciscana.
Corrida 3*	Assessoria Privada	Segunda	Medalha.	Conscientização ambiental e doação de roupas de inverno.
Corrida 4	ACG	Segunda	Medalha e camiseta.	Incentivo a prática esportiva.
Corrida 5	ACG e OAB	Segunda	Medalha.	Incentivo aos profissionais da OAB a prática esportiva.
Corrida 6	SESC		Medalha, camiseta e mochila.	Incentivo a prática esportiva.
Corrida 7**	-	-	-	Competição de orientação.
Corrida 8	ACG	Segunda	Medalha e mochila.	Arrecadação de fundos para APAE.
Corrida 9*	Assessoria Privada	Primeira	Medalha.	Aspecto cultural regional.
Corrida 10	ACG e BPM	Primeira	Medalha, mochila, camiseta, <i>squeeze</i> e viseira.	Comemoração dos 30 anos do BPM.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

\*Fora do calendário.

\*\*Fora do público pesquisado.

A Corrida 1 foi realizada pela ACRG porém não foi relacionada no calendário. Durante o percurso não houve a distribuição de hidratação para os atletas, fato que gerou reprova e reclamações por parte dos participantes. Observou-se a presença de atletas de diversos clubes e assessorias, bem como atletas de outras cidades adjacentes como Pinhão e Prudentópolis (Diário de Campo, 26 de maio de 2019).

A Corrida 2 foi realizada como uma forma de arrecadação e divulgação do trabalho de Freis Franciscanos, tal prova teve uma característica mista de corrida de rua com *trail run*, uma prova realizada em uma localidade rural com estradas de chão. Como um fator diferencial a prova contou com uma banda e uma praça de alimentação após a sua conclusão (Diário de Campo, 16 de junho de 2019).

A Corrida 4 foi um evento organizado exclusivamente pela ACG, tratando-se do evento que reuniu a maior quantia de prêmios monetários para os participantes, atraindo um público diferenciado para o evento e também uma grande quantidade de atletas de fora da região (Diário de Campo, 07 de junho de 2019).

A Corrida 5 foi um evento realizado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), uma prova realizada com o objetivo de incentivar os advogados à prática da atividade física. Assim como a Corrida 1 não houve hidratação durante a prova. A prova contou com um número expressivo de participantes tanto da região quanto fora dela e também de outras empresas patrocinadoras. (Diário de Campo, 04 de agosto de 2019).

A Corrida 6 trata-se de um evento realizado pelo SESC presente no calendário da instituição. De alcance estadual, tal prova concentra um número expressivo de participantes da cidade de Guarapuava como de cidades adjacentes. (Diário de Campo, 18 de agosto de 2019).

As Corrida 3 e Corrida 9, foram organizadas por uma assessoria privada da cidade. As duas provas tiveram um número reduzido de participantes, devido principalmente a credibilidade da assessoria com o público corredor de Guarapuava. Um aspecto que enaltece a falta de credibilidade da assessoria é a falta de chip de cronometragem onde segundo o E1 “Tanto é que agora já perguntam né: corrida tal tem chip? Tem! Opa *então eu vou*” é evidente a relação da credibilidade dos resultados e a qualidade da prova está relacionada ao uso da tecnologia na visão do entrevistado.

A Corrida 8 foi um evento realizado para arrecadação de fundos para a APAE de Guarapuava e contou com a participação de atletas de região e de fora dela. Notou-se que devido a algumas condições climáticas no dia do evento alguns membros da equipe de organização não compareceram ao evento o que acabou por prejudicar o andamento da prova em algumas vias públicas, tendo em vista a falta de respeito de alguns motoristas com relação aos atletas de rua conforme discurso de E3 e E5 (Diário de Campo, 01 de setembro de 2019).

A Corrida 10 foi um evento fora do calendário realizado pelo Batalhão da Polícia Militar (BPM) da cidade em comemoração aos 30 anos da instituição, que contou com um número expressivo de empresas apoiando o evento e também uma grande participação de atletas de fora da cidade. Conforme E1 ressalta que 75% dos participantes vieram de fora da cidade, com destaque para as cidades de Pitanga, Pinhão, Bituruna, Curitiba e Ponta Grossa, conseqüentemente ainda o entrevistado relatou que a maioria dos prêmios ofertados pela prova foi para atletas de fora da cidade.

Assim, observou-se que provas que tiveram uma entidade de renome por trás da organização tiveram um número maior de participantes, principalmente de atletas de fora da cidade. Tal ponto é fortalecido pelo discurso de E4 “aí o isso é detalhe interessante, o pessoal vai *pelo nome, eles confiam na entidade* ou quando o Exército for fazer uma prova, as Divas ou os Lobos da Serra. *Empatia, simpatia* eles verem isso sabe” ao usar a frase “pelo nome, eles confiam na entidade” nota-se que a participação dos corredores está ligada a credibilidade das organizações que realizam tais eventos,

ainda destaca as palavras como “empatia” e “simpatia” na visão dos participantes em relação aos organizadores das provas. Mesmo citando uma instituição militar e dois clubes de corrida da cidade o entrevistado não citou a prefeitura nem a ACRG como fonte de credibilidade em relação a organização dos eventos.

Também nessa questão nota-se no discurso de E6 que “entidades que se propõe a fazer *elas não estão ousando*, elas não estão indo além do que elas já fazem que é o trivial, é o *comum*” (destacamos) nota-se a crítica aos organizadores ao colocar que “elas não estão ousando” em relação as provas, e também o uso adjetivo “comum” atrelado a realização dos eventos sem buscar um diferencial perante as outras provas, além da conclusão do percurso. Tal ponto está destacado pelo trabalho de Rojo (2014) que destaca a transformação das corridas de rua em um produto, através da realização das “corridas fashion”, provas com custos e nível social maior que acabam por reduzir a democratização do esporte.

Muito da organização das provas na cidade está relacionado a elaboração do calendário, assim para os próximos anos E1 aponta que “Umas duas, três corridas a mais por ano que vem eu acredito que Guarapuava vai ter”, propondo um aumento no número de realização das provas, porém tal ponto é rejeitado pela fala de E6 onde afirma que “Eu acho que *não tem condições de aumentar o número de provas*, o que deveria ser feito é as entidades *melhorarem a condição das que já tem*” (destacamos), percebe a relação de reprova pela quantidade de provas ao se referir na frase “não tem condições de aumentar o número de provas” e a relação da busca pela qualidade nos eventos quando destaca que “melhorarem a condição das que já tem”. Tal ponto também foi notado no discurso de E4 enaltece que “eu vejo que as corridas elas tinham que ser um pouquinho mais *sazonal* [...] e consultar realmente a galera que corre, *o povão*” (destacamos) observa-se a busca por uma sazonalidade em relação ao calendário e também a criação de uma forma de diálogo com os participantes das provas.

Com relação a realização da provas na cidade e também a organização dos eventos, o discurso de E6 aponta que:

“Aqui uma critica bem construtiva que eu vou fazer: eu acho que a Associação de Corredores de Rua de Guarapuava ela precisa se *organizar melhor*, para mim hoje quem teria maior, *não é uma obrigação*, mas uma atribuição de organizar tudo isso seria a Associação dos Corredores de Guarapuava, mas *eles não estão focados nisso* hoje sabe uma coisa que eu acho que as próprias *assessorias principalmente* quem vive mais disso, quem sabe algumas assessorias vivem financeiramente isso, não todas, mas algumas sim, de repente *cobrar um pouco mais e participar mais* da Associação dos Corredores de Rua que a hora que algumas assessorias entrarem na associação dos Corredores de Rua elas começam dai a focar melhor nas corridas mesmo (E6). (destacamos)

O discurso do entrevistado fala abertamente sobre a ACRG e sobre a realização dos eventos do calendário, ao se referir a “organizar melhor” refere-se a toda gestão, estrutura e apoio dos eventos. Em seguida ele usa o emprego da palavra “obrigação” em relação aos eventos, justificando tal fato com uma falta de objetivo entre as instituições ao destacar que os membros da associação “não estão focados nisso”. Em seguida ele destaca a participação das assessorias da cidade e sua relação com a associação, principalmente ao apontar como “cobrar um pouco mais e participar mais” referindo-se a cooperação com força para alterar o foco da instituição.

Essa relação fica evidente ao ponto que a prefeitura concede recursos para que a ACRG realize e organize as provas do calendário, porém com a participação das assessorias que movimentam o esporte elas teriam poder para cobrar e exigir da associação uma melhor condição dos eventos que consequentemente seria também

atribuída tal responsabilidade ao poder público. Buscando assim um maior incentivo, recursos ou meios para a melhoria do esporte na cidade.

Mas, a situação é diferente. As assessorias da cidade estão imersas em um ambiente de competição e rivalidade criadas por elas mesmas. Portanto, Dallari (2009) destaca como o esporte reproduz a cooperação com a competição nas relações sociais, assim termos como “rivalidade” e “competição” são presentes no esporte. Um aspecto importante que ficou nítido durante as observações e ressaltado no discurso dos entrevistados é a rivalidade entre os corredores da cidade e principalmente entre os clubes de corrida e assessorias.

Tal ponto fica evidente quando o E1 se refere: “a gente percebe que existe uma *rivalidade* em Guarapuava entre os corredores” (destacamos), E3 enaltece tal ponto ao afirmar que “mas parece que *um quer crescer mais que o outro*, um *quer mostrar mais serviço que o outro. É aquela história, é uma rivalidade*” (destacamos), ao se referir como “um quer crescer mais que o outro” nota-se a relação da fala com a ligação dos clubes de corrida da cidade em relação aos recursos que os mesmos possuem, sejam financeiros ou de número de participantes, ao falar como “quer mostrar mais serviço que o outro” enaltece a relação de troca entre os atletas amadores e seus clubes, onde com o ingresso a um clube ou assessoria o atleta possui algumas vantagens como desconto na inscrição em provas ou benefícios com empresas patrocinadoras. Por fim, o entrevistado destaca a palavra “história” em associação com a “rivalidade” remetendo a fatos recorrentes durante um período de tempo. A presença da rivalidade entre os clubes também fica evidente no discurso de E6:

Se as pessoas envolvidas começarem também a deixar de fazer um pouquinho de *queda de braço*, que a gente sabe que tem, e pensarem em pensarem juntas assim num *futuro para a* corrida de rua e como te falei condições melhores de provas mais atraentes (E6). (destacamos)

O entrevistado refere-se a essa rivalidade como uma “queda de braço”, ou seja, uma disputa de forças entre duas partes e em seguida destaca “que a gente sabe que tem” elucidando que essa rivalidade é reconhecida por muitos membros ligados ao esporte. Em seguida aponta que a união das assessorias e clubes para a criação de um “futuro para a corrida de rua” fazendo uma clara referência a melhoria das condições do esporte e das provas em Guarapuava.

Como exemplo, E3 em seu discurso enaltece que as assessorias de grandes centros esportivos no qual ele esteve presente, como São Paulo (SP) e Curitiba (PR), onde as assessorias “confraternizam” entre si e se dispõem a colaborar com o esporte como um todo, e ainda alega:

“Sabe e se tivesse isso aqui em Guarapuava? Eu acredito que com isso seriam criadas mais assessorias, que eu acho assim: por que que as assessorias em Guarapuava hoje acabam? Por que eu acredito: *rivalidade*”. (E3)(destacamos).

Na percepção do entrevistado a rivalidade é o principal motivo para o fim das assessorias de corrida de rua em Guarapuava, visto que as mesmas acabam sendo inseridas em um ambiente de uma competição fora do esporte. Conforme Oliveira (2010) o modelo das corridas de rua está voltado para coletividade ao invés da competição, porém a rivalidade presente entre as principais organizações do ambiente impede que as mesmas se unam em prol da melhoria das condições da corrida de rua na cidade. Essa falta de união impede que as mesmas tenham poder suficiente para junto da ACRG exigir melhores recursos e incentivos do poder público. Mesmo reconhecendo

tal rivalidade a gestão pública não toma medidas para resolver tais conflitos e de alguma forma tirar vantagem dessa situação.

## 5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs a investigar a relação da gestão pública municipal com a corrida de rua na cidade de Guarapuava. Por meio de entrevistas e observações foi possível constatar que a cidade apresenta uma estrutura deficiente para a prática exclusiva do esporte, as provas são realizadas com erros de organização, a responsabilidade da organização dos eventos é dividida entre a prefeitura e a ACRG, destinação equivocada de recursos públicos, na visão dos participantes não existe uma credibilidade por parte da prefeitura na realização das provas e a existência de um ambiente de rivalidade entre os praticantes que prejudica a união das assessorias em prol do esporte.

A rivalidade presente entre os clubes de corrida prejudica a cooperação dos envolvidos na realização do esporte que faz com que os clubes não tenham forças suficientes para exigir do poder público melhores condições e investimentos para a prática. Além de que, a rivalidade também impede que outras assessorias ou clubes de corrida sejam formados dentro da cidade.

A própria organização designada pela prefeitura como responsável pela realização e organização das provas não está focada em melhorar as condições do esporte, mas sim em outros objetivos. Os responsáveis pela organização das provas na cidade estão buscando maneiras de transformar as corridas de rua em eventos “fashion” que de certa forma afastam um grande número de participantes de renda inferior. A falta de recursos também prejudica a construção de um local próprio para o esporte e também a manutenção do espaço mais popular utilizado pelos mesmos, a pista de atletismo.

Tal ambiente esportivo se mostra como desmotivador para aqueles que buscam ingressar no esporte, um ambiente marcado pela falta de investimentos, estrutura e rivalidade. Reconhecer esse cenário pode ser o primeiro passo para a mudança, enaltece-se nesse ponto a importância da gestão pública como meio articulador dos envolvidos no esporte e como um meio de incremento de forças para melhoria social, buscando juntos dos atores envolvidos no esporte a melhoria de estrutura, eventos e políticas de incentivo. Tal ponto deve-se mostrar como um objetivo público para com os atletas amadores da cidade e futuros ingressos na prática esportiva.

As contribuições do presente estudo estão em relação a prática esportiva como um fator social e de qualidade de vida, responsabilidade tanto da gestão pública como de empresas privadas. A presente metodologia e sua estrutura permitem que tal estudo seja realizado em outras localidades buscando investigar a relação da gestão pública com a corrida de rua e também com outros esportes. Espera-se que a maior contribuição do presente estudo seja o reconhecimento da importância desse esporte democrático e de grande massa, que a corrida seja vista como um produto de qualidade de vida e não como uma forma de obtenção de recursos financeiros.

As principais limitações do estudo estão relacionadas a amplitude do fenômeno e como o mesmo apresenta-se de maneira complexa relacionando aspectos sociais, econômicos e políticos em torno da prática esportiva. Sugere-se que pesquisas futuras apliquem outras lentes teóricas sobre o fenômeno da corrida de rua, buscando reconhecer fatores como o simbolismo da corrida, a credibilidade de empresas que investem no esporte, a visão de atletas profissionais e amadores sobre as provas que participam e principalmente sobre como a corrida de rua está se tornando um produto nas mãos de algumas empresas e entidades.

## REFERÊNCIAS

- ADLER, P. S.; FORBES, L. C.; WILLMOTT, H. Critical management studies: premises, practices, problems, and prospects. **Academy of Management (Anais)**. Nov. 2, 2006.
- CAMPOS, T. M.; MORAES, M. B. de; LIMA, E. Um Estudo sobre a Caracterização dos Empreendedores das Redes Ligados aos Circuitos de Corrida de Rua. **Latin American Journal of Business Management**, v. 6, n. 3, p. 70-92, 2015.
- Corridas de Rua no Brasil: uma grande história. Confederação Brasileira de Atletismo – CBAT, 04 de janeiro de 2003. Disponível em <<http://www.cbata.org.br/noticias/noticia.asp?news=3184>>. Acesso em 11 de julho de 2019.
- DALLARI, M. M. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 130, 2009.
- DAVEL, E.; ALCADIPANI, R. Estudos Críticos em Administração: a Produção Científica Brasileira nos anos 1990. **RAE**, v. 43, n. 4, p.72 – 85, 2003.
- DIAS, C. Corrida de Rua no País do Futebol. **Recorde**, v. 10, n.1, p. 1-32, 2017.
- DRAGO, P. A. Teoria crítica e teoria das organizações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 32, n. 2, p. 58-64, 1992.
- FARIA, J. H. de. Teoria Crítica em Estudos Organizacionais no Brasil: o estado da Arte. **Cadernos EBAPE.Br**, v. 7, n. 3, p. 511-515, 2009.
- FARIA, J. H.. Economia política do poder: os fundamentos da teoria crítica nos estudos organizacionais. **Negócios**, v. 1, n. 1, 2014.
- FARIA, J. H., MARANHÃO, C. M. S. de A. e MENEGHETTI, F. K. Reflexões epistemológicas para Pesquisa em Administração: Contribuições de Theodor W. Adorno. **RAC**, v.17, n. 6, p. 642-660, 2013.
- FAIRCLOUGH, N. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**, n. 25 (2), p. 307-329, 2012.
- FREITAS, W. R. S. e JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia qualitativa: boas práticas e sugestões. **Estudo & Debate**, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.
- GODOY, A. S. O estudo de caso qualitativo. p. 115-143. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2.ed., São Paulo: Saraiva, 2010.
- GUIMARÃES, C. P. Análise Crítica do Discurso: Reflexões sobre Contexto em van Dijk e Fairclough. **EUTOMIA Revista de Literatura e Linguística**, 2012.
- MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.
- MELO, I. F. de. Análise do Discurso e análise crítica do Discurso: Desdobramentos e intersecções. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, ano 5, n. 11, 2009.
- Pesquisa: corrida e caminhada são as mais praticadas no Brasil. Ativo, 26 de Abril de 2019. Disponível em <<https://www.ativo.com/corrida-de-rua/noticias/corrida-e-caminhada-brasil>>. Acesso em 23 de junho de 2019.
- REHBEIN, B. Critical Theory and social inequality. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v.30, n.3, 2018.
- ROJO, J. R. Corridas de Rua, sua história e transformações. **VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**, 2014.
- SALGADO, J. V .V.; CHACON-MIKAHIL, M .P .T. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Revista Conexões**, v. 4, n.1, p. 100-109, 2006.

SOUZA, P. R. B. de, SALDANHA, A. N. K. e ICHIKAWA, E. Y. Teoria Critica em Administração. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 11, n. 3, 2004.

VIEIRA, M. M. F.; CALDAS, M.P. Teoria Critica e Pós-Modernismo: Principais Alternativas à Hegemonia Funcionalista. **RAE**, v.46, n. 1, p.59-70, 2006.

VIZEU, F., MENEGHETTI, F. K. e SEIFERT, R. E. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. **Cadernos EBAPE.Br**, v. 10, n. 3, Rio de Janeiro, 2012.